



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por MANUEL JOAQUIM VALVENTOS — Série B

PEDRO, — (disse um lavrador a seu filho) — já são horas de ires buscar o gado ao pasto.

Ora Pedro estava a jogar á bola e o pasto ficava longe; mas, habituado a obedecer, partiu a correr, sem dizer palavra.

Com a pressa de chegar ainda a tempo de poder ir jogar mais um bocado, só abriu metade da cancela que vedava o campo onde os animais pastavam, e obrigou-os a sair precipitadamente, resultando daí que uma magnífica vaca, tentando saltar aquele obstáculo, caiu e partiu uma perna. Pedro ficou a olhar para o pobre animalejo e disse lá consigo:

— Que hei de contar-lhe, agora? Era a vaca melhor que meu pai tinha! Vai ser obrigado a mandá-la matar! Eu nem sei como hei de contar-lhe todo o caso, pois o prejuizo que elle vai sofrer é grande.

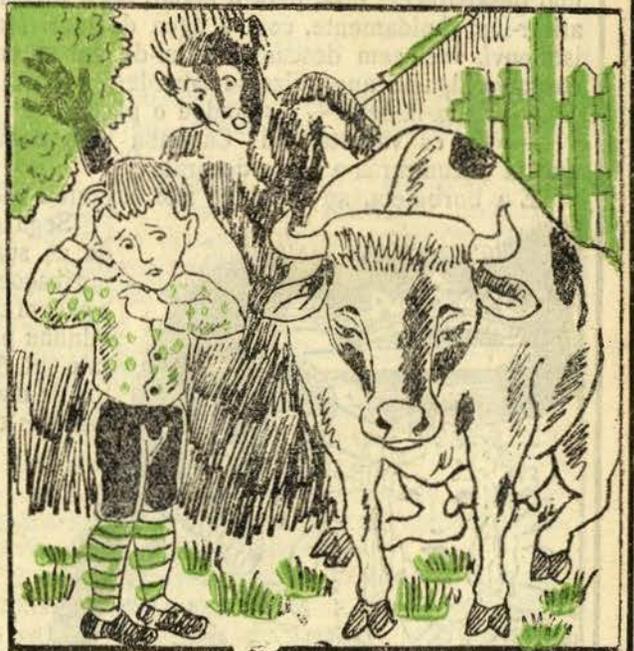
— Dize-lhe, — (segredou, então, o Tentador, o mesmo que nos insinua magnas idéas) — que achaste a cancela entreaberta e, junto, a vaca estirada.

— Não, isso não digo; — (respondeu Pedro) — isso seria mentir!

— Dize-lhe — (tornou o Tentador) — que, ao tempo em que punhas as vacas para fóra, um rapaz, maior do que tu, atirou com uma pedra áquella, fazendo com que ela deitasse a correr e caísse.

— Não, não! — (persistiu Pedro) — nunca menti na minha vida, e não há-de ser esta a primeira vez que o faça. Vou dizer a verdade a meu pai: — Fui eu o culpado! Como estava com pressa, afugentei o gado, e daí proveio a desgraça ocasionada.

Depois de haver tomado esta justa e heróica resolução, deitou a correr para casa, como se tivesse medo de que o Tentador o apanhasse, e foi logo ter com o pai, contando-lhe tóda a verdade.



Ouvindo-o, que fez este? Pôs as mãos sôbre a cabeça de Pedro e disse:

— Meu filho, eu antes queria perder tódas as minhas vacas do que ter um filho que me mentisse!

Então, o rapazinho, posto que pesaroso pelo mal que tinha feito, sentiu-se mais feliz do que se houvesse alterado a verdade dos factos, ainda mesmo que essa verdade nunca viesse a descobrir-se.

■ F I M ■

A PRINCEZINHA MITRO

Por FELIX COSTA VENTURA (Série B)



O palácio reinava um profundo silêncio. Pelos corredores cruzavam-se médicos, págens, etc.

A linda princezinha Mirto estava a morrer. Tinham sido chamados todos os físicos, todos os feiticeiros e nenhum sabia que mal era aquele. Pela estrada, caminhava Rui, o

págem do rei, muito triste, quando, à sua volta, veio ajeitar uma linda borboleta que lhe falou assim:

— «O mal da princezinha sei eu como o curar! Escuta-me: Andava eu voando, quando, ao passar por uma linda rosa vermelha, ouvi esta dizer às companheiras:

— «Pobre Mirto, tão bonita e tão nova e vai morrer sem ninguém a salvar! O mal dela só acabará quando alguém matar o veado com hastes de ouro, que trás ao pescoço uma medalha milagrosa. Quem lha puzer ao peito, far-lhe-há todo o mal desaparecer; mas, para o matar, será preciso atirar-lhe, rapidamente, com a água de luar. Mal isto ouvi, voei sem descanso, a-fim-de ver se encontrava alguém que quizesse salvá-la».

— «Salvá-la-hei!» — respondeu o págem.

— «Tu és valente; vai! Caminha para o sul que lá encontrarás a fonte de prata».

E a borboleta, ao dizer-lhe isto, levantou vô.

Seguindo as suas indicações, o págem caminhou para o sul. Ao fim de muitos dias de



jornada, chegou a um jardim maravilhoso. Desde a mais singela flor à rosa mais formosa, tudo era branco. As árvores tinham um aspecto deslumbrante, pois as folhas e flores pareciam flocos de neve pura.

O págem parou admirado; ouvindo um leve murmúrio para lá se dirigiu.

Era a fonte do luar. Rui tirou, então, um frasco do bolso e encheu-o de água, prosseguindo o seu caminho. Já desanimava, por não encontrar o veado, quando, subitamente, o deparou a pastar num prado. Foi-se aproximando, pouco a pouco, até que chegou perto dele. Sem perda de um minuto, sacou do frasco e atirou toda a água ao veado. Este estacou, então, como fulminado. O págem correu para ele e tirou-lhe a medalha.

De volta ao palácio, pôs-se a correr o mais que podia. Quando chegou, a princezinha estava na última. Já não falava. Rui correu, imediatamente, para o quarto dela, onde estava a côrte, toda reunida, assistindo á agonia da linda Mirto. Pegou na medalha e colocou-a no peito dela. Imediatamente esta se levantou, alegre e rosada, ante o pasmo da côrte. Rui pôs, então, todos ao corrente do que se passara.

Dias decorridos, na linda capela do palácio toda cheia de rosas brancas, realisava-se, com extraordinária pompa, o enlace de Rui com a princezinha Mirto.

Com a morte do velho Rei, Rui tomou conta do trôno e hoje vivem todos, felizes e contentes, em companhia do povo que os adora.



■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

A Avó



(Série B)

P
O
R
Z
É
C
A
N
E
D
O

Que linda a Avó!... E há quem lhe chame feia!
Decerto nunca a viram fazer meia,
De lunetas pousadas nos olhitos,
Que, nesta idade, ainda são bonitos!

Pois feia nunca foi, fiquem sabendo!
Ai, haviam de a ver, quando está lendo,
A perguntar-me, então, quais as vogais
E algumas consoantes que sei mais!

Oh, feia a minha Avó?! Por ter no rosto
Aquelas rugas de que eu tanto gosto
E atraíem mais a minha simpatia;
Pois eu bem sei que as hei de ter um dia.

E' feia só por ter cabelos brancos?!
Se eles até parecem neve em flocos!
Não; não a tornam feia os seus cabelos,
Pois todos nós havemos de, assim, tê-los!

Quantas vezes eu sou p'ra ela ingrato,
Quando, ao passar, chapinho no regalo!
Mas eu sei bem que a minha Avó perdôa
Pois para mim é sempre muito boa.

Ai quizerá que a vissem a espreitar,
— (Quando, á tardinha, ela me vai buscar) —
A' janela da escola que é baixinha!
Diríeis vós: — Que boa esta Avózinha!

E, ai, haviam de a ouvir na minha ausência,
Dizer á vizinhança com veemência:
— «Cá o meu neto é esperto, sim senhor!
E vai sair, decerto, um bom doutor.

Não sei como pagar-lhe esta afeição
Que brota do seu velho coração.
Só sei dizer que a amo com ternura,
Que florirei a sua sepultura.



O VEADO E A RAPOSA

Por Joaquim José da Costa e Simas

da Série A

NO tempo em que os animais falavam, ouvi, meninos, o que uma raposa dizia a um veado:

— «Acredita que não entendo o teu medo. Foges à frente dum miserável cachorro! Com um corpo tamanho, deves ter alguma força; uma só marrada desses teus paus, matará o mais forte cãzarrão. Que as raposas sejam tímidas, tem desculpa. Não temos força para nos defendermos. Mas um veado não deve fugir dos cães. Isto é claro como água! Ora repara bem neste ditado: «Aquele que é mais valente do que o seu adversário, não deve retirar diante dele. Visto que és mais forte do que os cães, não deves fugir-lhes».

— «Nunca assim reflecti, (diz, então, o veado) mas, d'ora ávante, não me retirarei, venham os cães que vierem. A todos resistirei!

Por acaso, estavam perto um caçador e a sua matilha. Quando ambos ouviram ressoar os latidos dos cães e a corneta do caçador, puzeram-se a fugir com quantas pernas tinham, tanto a raposa mãeira como o veado valentão.

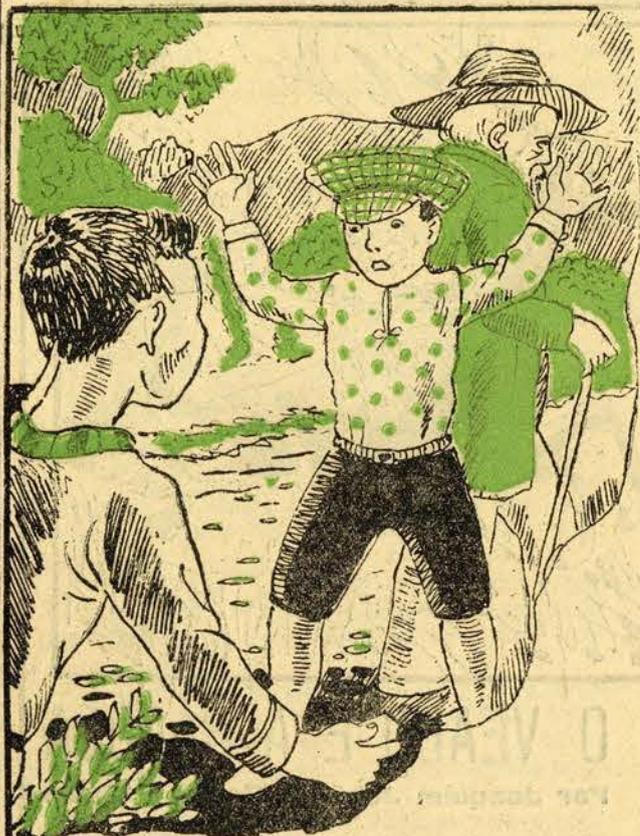
E dizerem que é feia! Que martírio!
Eu acho-a linda como o fresco lírio!
Então, já viram alma mais meiguinha,
Mulher mais linda do que esta avózinha?!

Assim falou do neto o coração.
Que belo sentimento a Gratidão!

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

UM GRANDE EXEMPLO

POR FERNANDO DE MENEZES (DA SÉRIE C)



passeio. Porém, esta amizade, admirava todos quantos conheciam Joânico.

De índole e temperamento inteiramente diferentes, contrastavam singularmente estes dois pequenos.

Zèzito, possuía um coraçãozinho de ouro, todo feito de bondade e amor.

Ele podia lá ver fazer mal a um passarinho ou esmagar uma borboleta, branca e linda, de encontro às páginas de um livro!?

Com que horrôr via fazer tudo isto, sentindo confranger-se de dôr a sua alma bela.

É que pena tinha dos cèguinhos, vivendo a vida numa densa noite, numa eterna noite de desgraça e tristeza. Sentia uma pena enorme, nascer-lhe no seu coraçãozinho, e desfazer-se em lágrimas que embaciavam os seus olhitos azuis, dum azul puro, côr do céu

Joânico, pelo contrário, era mau, e no seu pequenino coração parecia não existir um sentimento bom.

Sentia um prazer enorme em maltratar todos os animais, e — (suprema maldade) — apedrejar vèlhinhos que à aldeia iam pedir esmola, passando dias sem pão, e noites tristes de inverno, a tiritar de frio, envolvidos em farrapos, no recanto dum portal.

Batia em todos os rapazes da sua idade mas — (coisa estranha,) — sómente ao seu amigo, jamais erguera um dedo, sequer.

Enchia de desgostos seus pobres pais, que, constantemente, recebiam queixas de maldades suas.

A's vezes, nesses momentos, a sua amargurada mamã, abraçando o Zèzinho, exclamava entre lágrimas:

— «Joânico, porque não és tu bom como o teu ami-guinho?!» Mas tudo inútil! Joânico continuava sempre mau.

Contudo, o Zèzito, sem saber bem porquê, sentia a ingénua esperança de que o seu amigo viria um dia a ser bondoso. Ele bem sabia que seus papás já o haviam proibido de o acompanhar, por causa dos maus exemplos. Mas ele pedira-lhes tanto e tão triste, que seus pais, comovidos, acederam por fim.

Um dia — (domingo por sinal) — foram passear ao campo, e seguiam por uma bonita estrada, semelhante a uma enorme e linda facha branca, que se perdia, ao longe, na curva do caminho, separando duas searas, cobertas de flôres e passarinhos.

O sol, quási a esconder-se, espalhava ainda luz, fazendo luzir as espigas de ouro, nas searas.

Havia um mar doirado, levemente agitado por ligeira brisa. Naquela tarde, Joânico ainda não praticára maldade alguma. Iam já de regresso a casa, quando passou por eles um vèlhinho trôpego, quási cego, caminhando a custo.

De repente, Joânico apanha umas pedras na margem da estrada, e, recuando, às gargalhadas, em que o seu corpito tremia nervosamente, fez o gesto de atirar a primeira sôbre o pobre velho.

Então, Zèzito, horrorizado, soltando um grito, impede

a vil acção. Pede-lhe muito, implora-lhe quási a chorar, que não faça isso, que é uma maldade, uma grande maldade imperdoável; porém não conseguiu de-

(Continua na pag. 7)

ZÈZINHO e Joânico, eram dois amigos inseparáveis.
Contavam ambos nove anos, e nasceram, por assim dizer, quási juntos.
Ninguém via um sem o outro.
Sempre unidos, lá seguiam, ora para a escola, ora a

||| PREGUNTAS DE ALGIBEIRA |||



Pergunta, um dia, ao Zèzinho, mestre doutor Amadeu, Como se chamava o pai dos filhos de Zebedeu.

Não sabendo responder à pergunta de algibeira, Zèzinho queixa-se à mãe, entre grande choradeira.

Então, a mãe do Zèzinho, diz com seu ar conselheiro: — «Olha lá, quem é o pai dos filhos do merceeiro?!»

Ouvindo a resposta, a mãe, vendo que ele percebeu, diz lá consigo: — «Já sabe que o pai era Zebedeu!»

Ao outro dia, na escola, diz Zèzinho ao Amadeu: — «Eu já sei quem era o pai dos filhos de Zebedeu.

Pergunta o mestre: — «Quem era?» E, logo muito lampeiro, volve o Zèzinho: — «Era o pai dos filhos do merceeiro.»

2.º Concurso Mensal de Poesias e Contos Infantis

Dum êxito não inferior ao nosso primeiro Concurso, o segundo, — (desta primeira Série que terminará no fim do mês corrente com o 3.º Concurso), — acaba de ser encerrado com o seguinte apuramento final:

P R E M I A D O S

Série A

1.º CONCURSO: — Poesias
Pregões de Lisboa
por Odette da Piedade Passos, (de 11 anos)

A lua também tem cara
por Antonieta Faustino Fernandes, (de 17 anos)

Reviver
por Flor de Lys

Série B

2.º CONCURSO: — Contos
O Limpa Chaminés
por Alexandre Gama, (de 10 anos)

Amizade Pura
por Armando Vilela Moraes, (de 16 anos)

Série C

Más Companhias
por Maria Afonso Oeiras, (Toutinegra)

Merecem especial menção as produções dos seguintes concorrentes

Ao 1.º CONCURSO

Série A

«Os pardais» por Alexandre Gama.

Série B

«As quatro estações do ano» por Manuel Joaquim Valventos.

«O castigo da Lili vaidosa» por Maria Antonieta Faustino Fernandes.

«Lélita» de Feliz Costa Ventura.

«Bébé é alguém» do mesmo autor.

«Carta para o Quim» de Alexandre Loureiro de Sá.

Série C

«Os queijos do Zeca e o rato» = «A Violeta e o Cravo» por Zé d'Aldeia.

«A Lenda dos Semeadores» por Francisco Ventura J.º

«A nossa Fada» por Mimi Grandela.

«Um Pimpão» por Carlos.

«A minha afilhadinha» por Argentinita.

Ao 2.º CONCURSO

Série A

«A largata invejosa» por Allen Gualter Correia de Figueiredo.

«Historia do João Valentão» por Jorge Pereira Jardim.

Série B

«O discípulo preferido» por Alexandre Loureiro de Sá.

«A amiga da Natureza» por Angelo Cardoso Pereira de Almeida.

«A inveja castigada» por Maria Amália Corte Real Graça Mira.

«O pintarroxo e a Víbora» por Manuel Joaquim Valventos.

Série C

«Água corrente» por Maria Raquel Cordeiro Costa.

«Um dia de Primavera» por Dynette.

«A melhor herança» por Maria Emilia Barbosa Viana.

«As três virtudes» por Maria Alda Neves da Graça Mira.

Merecem ainda uma referencia os seguintes concorrentes

SÉRIE A: — Alvaro Palmela Feirreira da Cunha, Maria Alina Bugalho Semedo, Maria da Conceição Lourinho, Joaquim José Ferreira Campos, Pilar da Conceição Covas Garcia, Mario Augusto Fleming de Oliveira e Jorge de Sintra.

SÉRIE B: — Odette Passos de Saint Maurice, Acácio Silva, Mario Gonçalves Pereira, Jorgelina, Manuel Francisco Pereira.

SÉRIE C: — Antonio Henriques Ribeiro da Cunha, A. Vicente Campinas, Maria de Jesus Santos, Olegna e Aurelina Trovão.

1.º CONCURSO MENSAL DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

CONCORRENTES CLASSIFICADOS



Mário Gonçalves Pereira Premiado da Série B A. Vicente Campinas da Série C Odette Petrony Rodrigues da Série A Jorge de Castro Quaresma (Jorge de Sintra) da Série A Luis Lopes de Mira da Série A

ADIVINHAS PARA OS MENINOS COLORIREM

I

Qual a cousa, qual é ela,
que a si própria se envenena,
e que, se tem de escrever,
escreve sempre com pena?

II

Qual a cousa, qual é ela,
que semelha a luz dos astros,
que brilha como uma estrêla
mas anda sempre de rastros?

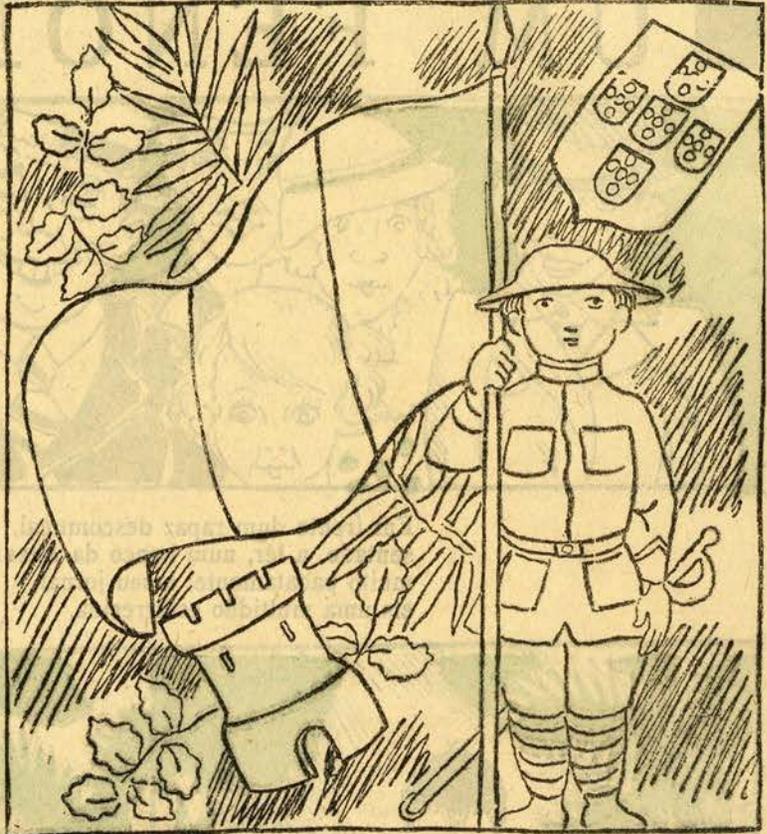
Solução das anteriores

- 1 — A letra P
- 2 — Portugal
- 3 — Ana Pereira
- 4 — O Livro
- 5 — Pim-Pam-Pum
- 6 — Nazaré

ADIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem o caçador e o cão que perseguem esta perdiz.



UM GRANDE EXEMPLO

(Continuação da pag. 5)

move-lo. Disse-lhe que nunca mais o acompanharia, que diria ao seu papá, mas tudo em vão. Joanico ergue nòvamente, o braço com a firme resolução de atirar a pedra ao desgraçado ceguinho. Então Zêzinho, altivo e sereno, de um pulo, coloca-se em frente do infeliz velho, indefeso e doente, erguendo os braços, para que só caíssem sôbre êle, as pedras que o amigo atirasse. Mas — (caso singular!) — Joanico, todo a tremer, deixára cair o braço como se estivesse quebrado, e a pedra tomba no chão, aos seus pés. De cabeça baixa, envergonhado de si próprio, chorava, agora, amargamente.

Milagre! Milagre!

Transformára-se aquele coraçõsito mau, com o heroico e sublime exemplo do Zêzinho.

E enquanto, os dois abraçados, as suas lágrimas se confundiam, o vèlhinho, quási cego, compreendendo tudo, abraçava os dois.

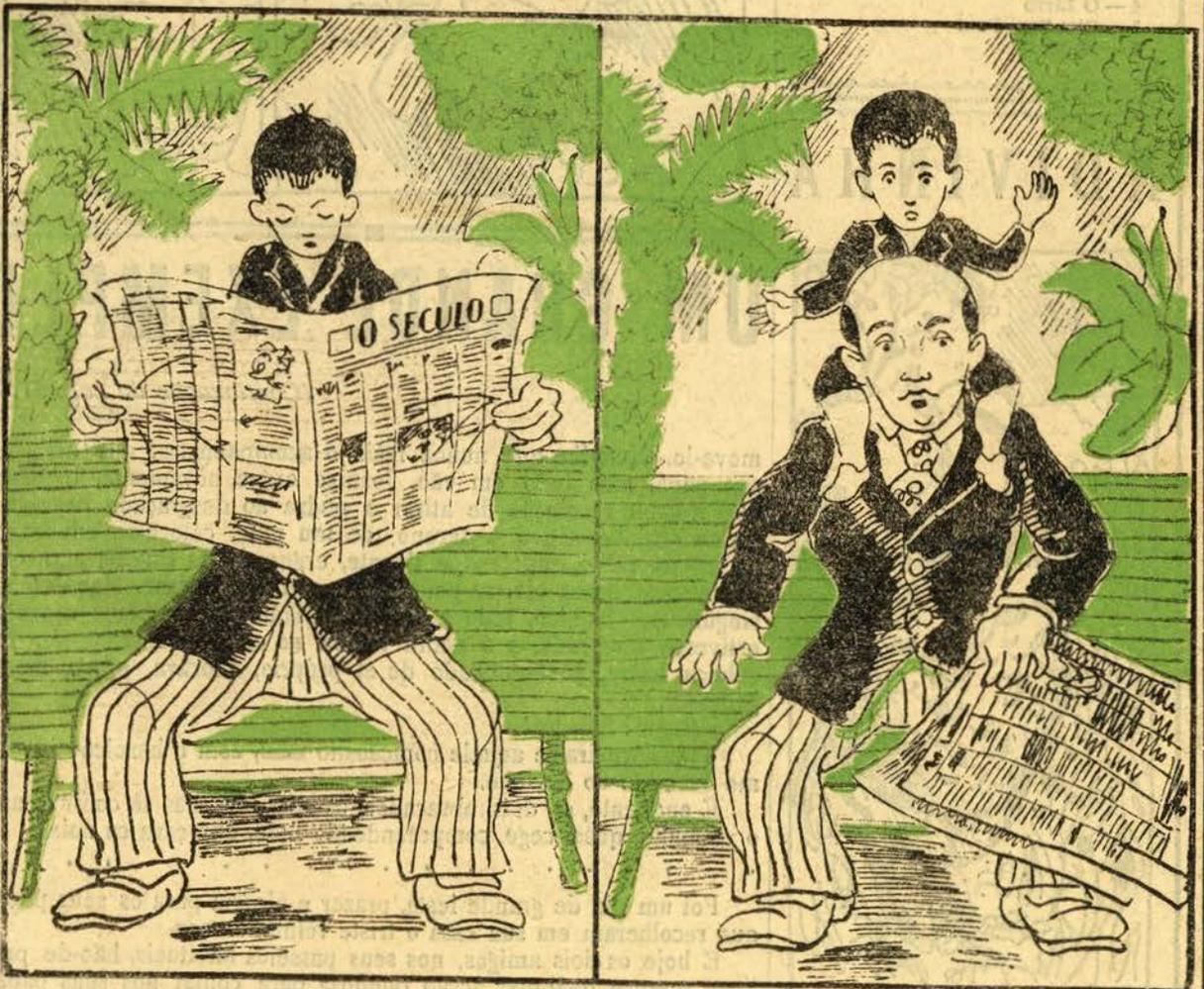
Foi um dia de grande festa, prazer e alegria para os seus papás que recolheram em sua casa o triste vèlhinho cego.

E hoje os dois amigos, nos seus passeios habituais, hão-de praticar sempre qualquer acção bondosa para contar aos seus papás que os ouvem enlevadamente.

■ UM FENÓMENO ■



Em frente dum rapaz descomunal,
sentado, a lêr, num banco da Avenida,
muito pacatamente, o seu jornal,
eis uma multidão estarecida.



Soltando mil exclamações de espanto,
a multidão, em cõro, logo brada:
— «Que fenómeno estranho!» No entretanto,
todos desatam, rindo, à gargalhada.

E a explicação do caso, algo exquisito,
eis evidente, sem mistério algum:
A's cavalitas de seu pai, Zezito,
ao mesmo tempo, lia o «Pim-Pam-Pum»!